A BONDADE DE DEUS  
  
A bondade de Deus (bonitas Dei) é identificada como um atributo essencial de Deus, ou seja, a bondade é idêntica à essência divina, de modo que o poder e a misericórdia de Deus, por exemplo, são aspectos de sua bondade. Deus é bom, bom em sua essência, de sorte que “o que quer que seja bondade perfeita, é Deus; o que quer que seja verdadeiramente bondade em qualquer criatura é uma semelhança de Deus". Este último pensamento fala de dois aspectos básicos da bondade de Deus. O primeiro diz respeito à bondade essencial de Deus; o segundo tem relação com a comunicação de sua bondade em suas obras ad extra. Na seção de seu livro em que trata da bondade de Deus, Charnock não se concentra na bondade da essência de Deus ou na perfeição de sua natureza, nem usa a palavra “bondade” com o sentido de santidade de Deus. Em vez disso, seu estudo trata da “emanação de sua vontade, mediante a qual ele faz o bem às suas criaturas”. Nesse sentido, a bondade se estende a mais objetos do que o faz a misericórdia de Deus. Deste modo, a criação e a providência são efeitos da bondade de Deus.  
  
Um tópico fascinante debatido não apenas entre teólogos medievais, mas também entre vários escolásticos protestantes era se o Filho de Deus teria encarnado, caso o homem não tivesse pecado. Charnock emprega esse exemplo para mostrar que, caso o Filho tivesse se tornado carne, isso teria sido um ato da bondade de Deus e não de sua misericórdia, pois suas criaturas não eram caídas. Diante disso, aparentemente Muller pinta um quadro preciso, afirmando que, embora teólogos reformados defendam tanto a bondade divina essencial ad intra (“para dentro”) quanto a manifestação da bondade divina com suas criaturas ad extra (“para fora”), apesar disso “sistemas reformados indubitavelmente dão ênfase à segunda e não à primeira". Não obstante, a bondade de Deus com suas criaturas está fundamentada em sua bondade essencial.

Charnock afirma que os atributos de Deus são abarcados por sua bondade. Portanto, Deus é bom por sua própria essência. Ademais, como consequência, tudo que Deus criou era bom. E, assim, qualquer coisa boa que exista na criatura é algo que vem de Deus. Contudo, a bondade não é uma qualidade em Deus, mas uma natureza; “não uma disposição da mente acrescentada à sua essência, mas a própria essência; ele não é primeiramente Deus e, depois disso, bom; mas é bom porque é Deus; sua essência, sendo uma só, é formal e igualmente Deus e boa”. A bondade de Deus, à semelhança de seus outros atributos, é infinita, mas o exercício de sua bondade pode ser limitado de acordo com o exercício de sua vontade. Aqueles que recebem benefícios por causa da bondade de Deus estão também em posição de serem eles mesmos bondosos, o que mostra que, ao contrário da onipotência ou da imutabilidade, esse atributo específico é comunicável. Na verdade, Charnock propõe que a bondade “inclui difusividade [a tendência de se propagar ou transpor limites]; sem bondade ele deixaria de ser uma divindade, e sem difusividade deixaria de ser bom”. Assim como Deus é necessariamente imutável, eterno, onipotente etc., de igual maneira é necessariamente bom. E, como Deus é bom por si mesmo, ele se alegra em si mesmo. Essa alegria pessoal é a base para sua alegria em suas criaturas; “se ele se ama, não pode deixar de amar a semelhança de si mesmo e a imagem de sua própria bondade". Aqui Charnock está empregando a distinção entre, de um lado, amor naturalis ou amor complacentiae e, de outro, amor voluntarius. O amor naturalis (amor inato) refere-se ao amor de Deus a si mesmo, fora de sua relação com o mundo criado, e esse é um amor necessário. Mas o amor voluntarius (amor intencional) fala do exercício do amor de Deus para com sua criação. Ao criar, Deus necessariamente ama sua criação, pois em sua bondade essencia a criação se assemelha a ele.

[...] Isso, contudo, não indica que Deus não seja livre. Conforme Charnock deixa claro, “a necessidade da bondade de sua natureza não atrapalha a liberdade de suas ações; a ação em si não é absolutamente necessária, mas é necessário que sua ação ocorra de maneira boa e generosa e também livre”. Em outras palavras, a decisão de criar foi livre, mas, ao criar, ele necessariamente fez bons suas criaturas e o mundo. Nas palavras de Charnock, “Na condição de perfeição de sua natureza, é necessária; na condição de comunicação de sua generosidade, é voluntária”. Mesmo em seu amor próprio, Deus necessariamente ama a si mesmo, mas isso não é por coerção, mas de acordo com a liberdade que é resultado de seu autoconhecimento. Citando Amyraut, Charnock propõe que, na comunicação do amor de Deus às suas criaturas, a bondade de Deus foi “o motivo e o objetivo de todas as suas obras de criação e providência". O motivo para criar tem de vir de dentro de Deus, não de fora. A sabedoria está associada ao direcionamento do ato criador, o poder capacita Deus a criar, mas a bondade fornece o motivo. De fato, Deus não poderia ter outro fim senão a si mesmo, que é o bem supremo, de modo que ele deseja necessariamente o bem como um fim, mas os meios que levam ao fim são definidos livremente pela vontade.  
  
A bondade de Deus se revela em suas obras de criação e redenção. No estudo de Charnock está implícita a distinção tripla que surge do amor voluntarius de Deus: a boa vontade ou amor benevolente (amor benevolentiae) de Deus para com os eleitos na eternidade; o bom procedimento ou amor beneficente (amor beneficentiae) de Deus em sua vontade de redimir os eleitos; e o amor de alegria e amizade (amor complacentiae vel amicitiae) de Deus, o qual tem como finalidade as recompensas que resultam da redenção. Esses aspectos do amor de Deus têm correlação com suas obras ad extra imanentes, transientes e aplicativas. Antes de considerar a bondade de Deus na redenção, Charnock mostra a bondade de Deus na criação.

No que diz respeito à condição de Adão no jardim do Éden, Deus mostrou sua bondade a Adão na recompensa graciosa pelo cumprimento de uma obrigação devida. Adão devia obediência a Deus, mas "a estipulação de Deus dar bênção perpétua a um homem inocente não se baseava em regras de justiça e retidão estritas, pois a implicação disso é que Deus estaria em dívida com o homem”. A recompensa oferecida por Deus -imortalidade ou vida eterna - excedia em muito o que Adão era capaz de merecer, o que é testemunho da bondade de Deus na criação. A bondade também foi “a fonte da redenção”; aliás, foi “bondade pura”, pois Deus não precisava redimir a humanidade caída. Sua bondade fornece o motivo para Deus realizar a obra de redimir homens e mulheres por meio de seu Filho. Essa bondade supera a bondade revelada na criação, pois “aquele único versículo, 'Porque Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho unigênito' (Jo 3.16), expressa mais a respeito da generosidade divina do que tudo que está na obra da criação: é um tanto incompreensível, um tanto que os anjos do céu não conseguem captar".

O fato da redenção leva Charnock à provocadora conclusão de que a bondade demonstrada aos eleitos foi “para nós uma bondade maior do que aquela que por algum tempo foi manifestada ao próprio Cristo”. Deus deu um valor tão elevado à redenção dos eleitos que sentenciou seu próprio Filho a humilhação na terra a fim de que todos que pertencem a Cristo sejam exaltados no céu. Charnock acrescenta: -  
"Ele desejou ouvi-lo gemer e vê-lo sangrar para que não gemamos debaixo de seu olhar de reprovação e não sangremos debaixo de sua ira; ele não o poupou para poder nos poupar; recusou-se a não feri-lo para poder se alegrar sobremaneira em nós; encharcou sua espada no sangue de seu Filho para que ela jamais fique molhada com o nosso e para que sua bondade triunfe para sempre em nossa salvação; estava disposto que seu Filho fosse feito homem e morresse para que não morresse o homem que havia tido prazer em se arruinar; por algum tempo pareceu degradá-lo daquilo que era."  
  
Os crentes deveriam dar grande valor aos méritos e obra de Cristo em seu favor, mas foi a bondade de Deus que, antes de mais nada, proporcionou um Mediador. Aliás, Charnock declara que, ao dar seu único Filho para ser redentor de seus eleitos, Deus deu “o mais sublime presente que a bondade divina poderia conceder”. Na exaltação de Cristo, a bondade de Deus se estende às suas criaturas. Cristo, na condição de salvador exaltado, empenhou-se em obter inúmeras dádivas e graças que, ao ascender ao céu, outorgou à igreja. Assim como a santidade de Deus tem um centro cristológico no que diz respeito à sua comunicação aos crentes, o mesmo acontece com sua bondade. Cristo passa a ser o centro da atenção na exibição da bondade absoluta divina, a qual Deus demonstra às criaturas na redenção. Mas, além da redenção, a bondade de Deus se manifesta em todas as áreas da criação, porque o Deus que é a própria bondade precisa exibir necessariamente, em suas obras ad extras, a suas bondades.

Fonte: Teologia Puritana, pág. 128-132. Edições Vida Nova.